

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

ALESSANDRA COREZOMAÉ BOROPONEPÁ

**CASAMENTOS INTERÉTNICOS NA ALDEIA UMUTINA:
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE UMUTINA**

**Barra do Bugres
2016**

ALESSANDRA COREZOMAÉ BOROPONEPÁ

**CASAMENTOS INTERÉTNICOS NA ALDEIA UMUTINA:
CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE UMUTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B736c BOROPONEPÁ, Alessandra Corezomáé.
Casamentos interétnicos na Aldeia *Umutina*: constituição de identidade *Umutina* / Alessandra Corezomáé Boroponepá. – Barra do Bugres, 2016.
49 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo *Umutina*. 2. Cultura. 3. Casamento. 4. Identidade. 5. Híbridação. I. Paes, M. H. R., Dra. II. Título. III. Título: constituição de identidade *Umutina*.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

ALESSANDRA COREZOMAÉ BOROPONEPÁ

**CASAMENTOS INTERETNICOS NA ALDEIA UMUTINA: CONSTITUIÇÃO DE
IDENTIDADE UMUTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Orientadora

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

Prof. Esp. Valdevino Harison Amajunepá
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Haipuku* (Deus), por ter iluminado o meu caminho durante esses anos de estudos.

Aos meus pais, D. Euzi Corezomaé e Leucilio Boroponepá, pelo carinho, amor, e incentivo que me deram nos estudos.

Aos meus queridos irmãos Erenildes, Ismael, Alessandro, Keliane, Leocy, Leocilio e Marcelo pelo apoio e companheirismo.

Sou grata ao meu esposo Mateus Amajunepá e a meus Filhos Gustavo e Gabriel pelo incentivo e compressão da ausência nas Etapas Intensivas e Etapas Intermediárias.

Ao meu povo Umutina por ter acreditado em mim, e pelo apoio nessa jornada acadêmica.

A minha orientadora prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes pela confiança e atenção.

A minha tia Eliane Boroponepá Monzilar e pela confiança e principalmente pelo incentivo.

A minha avó Nice Boroponepá (*in memoriam*) que sempre me apoiou e incentivou nos estudos.

Às pessoas que colaboraram com as entrevistas meu muito obrigado!!

Aos alunos da Escola Estadual de Educação Indígena *Jula Paré* do Ensino Fundamental e Ensino médio pelo apoio.

Aos colegas Professores da Escola Estadual de Educação Indígena *Jula Paré* pelo apoio durante a minha trajetória acadêmica.

À instituição Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), que acredita nos povos indígenas, divulgando e valorizando a diversidade cultural dos povos indígenas.

EPÍGRAFE

Meu povo, minha terra.

Onde quer que eu esteja
É na minha Terra que meu coração conforta
E meu espírito acalma.
Não consigo imaginar o contrário
Minhas raízes estão cravadas neste chão
Como as velhas árvores que contam histórias, passados imemoriais...
Onde o rio Bugres e Paraguai se unem num longo abraço
nos protegendo, nos alimentando no dia a dia.
Olho para trás, vejo a força do meu povo no passado,
No presente, tentando entender e interagir com o mundo a sua volta.
No futuro, dependerá de cada um de nós.
Como for esse futuro,
Espero com toda confiança
Que ao perguntar para um jovem, para uma criança:
- Quem foram nossos antepassados? Quem foram nossos avós?
Eles possam saber responder.
Saber contar a história de Julá Paré – Homem Valente, Kupodonepá, Apodonepá,
Corezomaé, Calomezoré, Zaquimaé, Monzilar, Boroponepá, Amajunepá, Bakonepá
Enfim,
Todos os anciões que com suor e trabalho construíram a nossa aldeia.
E a partir de então, todos os jovens e todas as crianças
Ficarão conscientes de sua importância no mundo
Por descenderem de mulheres e homens guerreiros,
Que com suas armas e estratégias de defesa
Deixaram como legado o nosso território.
E, portanto,
Jamais terão vergonha de suas origens
Nem medo de se afirmarem como povo Umutina – Balatiponé
Não terão receio de pintar os seus corpos,
De enfeitarem-se com seus adornos tradicionais,
De praticarem os seus rituais,
Apreciarão sempre jolorokwá, jukuputu, haré
E tantos outros alimentos que nutrem o nosso corpo e a nossa alma.
E o meu povo estará sempre protegido
pelo criador – Haipukú – pelos espíritos das matas, dos rios.
Enquanto soubermos cuidar de tudo que temos.
E todos os filhos da nossa Terra
Ainda que conheçam outros lugares, outros costumes e outras culturas;
Sempre voltaram para suas origens.
Porque é aqui que nos sentimos completos,
E ao meu povo e minha terra deixo como herança:
“O meu amor eterno”.

Marcio M. Corezomaé

RESUMO

Este trabalho tem como tema: “Casamentos Interétnicos na aldeia *Umutina*: constituição de identidade umutina”, tendo em vista que a aldeia *Umutina* se caracteriza por uma população de pessoas de diferentes etnias. Tem como finalidade compreender melhor alguns fatores que levam o povo, mesmo que em condição de mistura de diversas etnias, a se autodenominarem de “*Umutina*”. Foram elaboradas perguntas feitas a 16 casais procurando compreender alguns marcadores identitários, sendo que se selecionaram casais em três diferentes faixas etárias: jovens, meia idade e idosos que moram na aldeia *Umutina* em Barra do Bugres-MT. Ao final do trabalho, compreendi que o povo que mora na citada aldeia, mesmo que de outras etnias, assumem as práticas culturais da tradição *umutina* como forma de fortalecimento de identidade indígena e, especificamente, pelo respeito ao povo, fortalecem a identidade *umutina*.

Palavras-chave: *Umutina*. Cultura. Casamento. Identidade. Hibridação

ABSTRACT

This work has as its theme: "Inter ethnic Marriages in the village Umutina: identity Umutina Constitution" since the Umutina Village is characterized by a population of people from different ethnicities. It aims to better understand some factors that lead the people, even those in condition of mix of various ethnicities, to call themselves "Umutina". Questions were elaborated for 16 couples looking for understanding some identity markers, and selected couples in three different age groups: young, middle-aged and elderly people who live in the village Umutina in Barra do Bugres-MT. at the end of the job, I realized that the people living in the village, even if quoted from other ethnic groups, cultural practices as a means of strengthening Umutina tradition of indigenous identity and specifically, respect to the people, strengthen the Umutina identity.

Key words: *Umutina*. Culture. Marriage. Identity. Hybridisation

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
TI	Terra Indígena
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Casais de 60 anos.....	30
Quadro 2 –	Casais de 40 anos.....	31
Quadro 3 –	Casais de 20 anos.....	32
Quadro 4 –	Casais de Jovens	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Homem <i>Umutina</i> antigamente e atualmente	22
Figura 2 –	Mulher <i>Umutina</i> antigamente e atualmente	22
Figura 3 –	<i>Umutina</i> antigamente e atualmente	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – O POVO UMUTINA	13
1.1 Fortalecendo a cultura <i>Umutina</i>	15
1.2 O povo <i>Umutina</i> em contexto atual.....	16
1.3 Danças <i>Umutina</i>	19
1.4 Pintura corporal	20
1.5 Imagens do povo <i>Umutina</i> : Antigamente e atualmente	21
CAPÍTULO II – O CASAMENTO <i>UMUTINA</i>	24
CAPÍTULO III – FALANDO DE CULTURA E IDENTIDADE.....	26
3.1 Cultura híbrida.....	27
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	29
CAPÍTULO V – RESULTADOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	36
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	37
ANEXO B – ENTREVISTAS.....	38

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para minha pesquisa é “Casamentos interétnicos na aldeia Umutina: constituição de identidade Umutina”. Este tema sempre despertou minha curiosidade, tendo em vista que o povo Umutina, em si, é formado, atualmente, por uma mistura de pessoas de diferentes etnias que vivem na aldeia: os próprios Umutina originários do lugar, Paresi, Nambikwara, Bakairi, Terena, Kayabi, Manoki, Bororo e Chiquitano. Nesta condição, atualmente, o povo Umutina é formado pelos casamentos interétnicos que foram acontecendo no decorrer do tempo e as crianças que nascem, até muitos que já são adultos, se auto reconhecem como Umutina.

Além deste tema sempre ter despertado minha curiosidade, também a pesquisa será uma forma de melhor compreender alguns fatores que provocaram a condição atual da aldeia, ou seja, uma condição multiétnica.

Vejo que esse tema vai fazer meu povo compreender melhor alguns fatos que ocorreram no passado que fizeram com que hoje nosso povo Umutina, mesmo sendo mistura de diversas etnias, nos identificamos como Umutina-Balatiponé. Acredito também que as informações deste trabalho vão fortalecer cada vez mais a cultura umutina, pois mesmo com as diversas etnias presentes, em geral, todos na aldeia praticam só a cultura Umutina.

Para a escola este trabalho tem um papel fundamental, pois servirá de material didático para apoio aos professores em sala de aula e também a quem mais se interessar sobre o tema.

A pesquisa foi metodologicamente organizada a partir dos seguintes passos. Primeiramente busquei dados nas bibliografias que falam sobre o povo Umutina, como em livros, em trabalhos de conclusão de curso de professores da aldeia, em sites na internet. Li também materiais bibliográficos que tratam sobre o conceito de identidade. Fiz levantamento sobre os casais que tem na aldeia e, em seguida foram feitas as entrevistas com casais de faixa etária entre 60, 40 e 20 anos e também com alguns jovens da aldeia Umutina. As entrevistas foram gravadas com celular, conforme o entrevistado ia falando, e, logo após fiz a transcrição das entrevistas.

A partir de todos os dados que coletei, fiz a leitura das entrevistas, analisei e após a compressão dos dados foi feito um quadro para melhor apresentar os dados das entrevistas, considerando os objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – O POVO UMUTINA

A princípio, os Umutina viviam em harmonia, e era um povo nômade. Viviam basicamente da agricultura, pesca e a caça. Historicamente o povo Umutina sofreu com o contato com os não indígenas e foram obrigados e proibidos de falar sua língua materna e proibidos de praticar tudo que fosse ligado a sua cultura, como praticar suas festas e rituais e caso não atendessem estas normas eram castigados pelos não índios. Ou seja, foram obrigados a assimilar a cultura do não índio para poder sobreviverem.

O povo Umutina se autodenomina Balatiponé que quer dizer “povo novo”, e os antepassados usavam o termo Boloriê. Antigamente as mulheres deixavam os cabelos crescerem bastante para que os homens os cortassem. Com os cabelos das mulheres eram feitos colares masculinos, por isso dava a impressão que os homens tinham barba, e com isso os Umutina ficaram conhecidos pelos não indígenas como “Barbados”.

A arte material umutina era muito rica, feita com penas de variados pássaros, entre eles destaca-se os enormes brincos femininos e os cocares masculinos. Os homens também usavam colares de dentes de animais, entre eles a queixada, catete e onça, já os das mulheres eram feitos de dentes de macaco, quati e jacaré.

Antigamente, conforme (SCHULTZ, 1962, p.258), os Umutina praticavam o ritual do culto aos mortos chamado *Adoé*, que era constituído de 17 danças rituais, com os seguintes nomes:

Mixinosê, Mixinotó ou Mixino Pupurína – máscara-esteira.

Manixuarê - dança com flautas sagradas e caca da anta;

Bakuré - dança sobre as esteiras;

Yúri - subcerimonial do Bakure;

Katamã - Martim- pescador subcerimonial do Bakure;

Akakôna - dança guerreira subcerimonial do Bakure;

Hatóri - dança com mascaras grandes;

Atilákakáno - carregando estandartes com símbolos de peixes;

Hupzê - os irreverentes cagados;

Jekirinó - as andorinhas;

Lorunó - dança com máscaras de cabelo;

Hapuyana - dança com aros de palha;

Yataribú - cerimonia com canto e estribilho;

Batóri - máscara de rede de pescar sobre o rosto e flagelo de feixe de talo de

Buriti;

Arixinó - dança com símbolos, disco de palha, representando caça;

Yupuriká - dança com as flautas *Zarinimbukwa*;

Boiká - dança do arco.

Esses rituais, que começavam durante a estação chuvosa e por ocasião da colheita do milho verde, duravam de cinco a seis semanas e era maior manifestação religiosa entre os Umutina, de acordo com o autor já referido acima.

Continuando com Schultz (1962), a agricultura tradicional era uma das fontes de sobrevivência muito importante para os Umutina que cultivavam milho de várias qualidades, mandioca brava e mansa, feijão fava, cará. Depois da lavoura, a pesca e a caça era a fonte de alimento mais importante para os mesmos. Pescavam com o arco e flechas e com o timbó. A única arma de caça era o arco e flecha, raramente também levavam o tacape espada.

Os Umutina viviam em contato somente com a natureza e dela tiravam tudo que precisavam para sua sobrevivência, praticavam seus costumes sem nenhuma imposição.

Com a chegada dos não indígenas, muitos conflitos foram desencadeados e a população sofreu com o contato. Por volta dos anos sessenta do século passado, com a política indigenista nacional da época, empreendida, principalmente, por Marechal Cândido Rondon, o povo Umutina que já estava com população diminuída, foi obrigado a receber pessoas de outras etnias. Naquela época, Marechal Rondon criou na aldeia Umutina um Posto de Atendimento aos indígenas, segundo relata Tan Huare (2006).

Os mais idosos Paresi residente na aldeia Umutina não lembram a data específica da chegada à aldeia Umutina, mas segundo os senhores Luiz Gonzaga Quezo, Alaíde Calomezoré e José Pedro Zazocomaé, todos pertencentes à etnia Paresi, em seus depoimentos disseram que não vieram para a aldeia Umutina por que queriam, mas porque os seus pais foram forçados a virem pelo Marechal Candido Rondon, que mandou o chefe de posto senhor Otaviano Calmon buscar os Paresi na aldeia Utiariti. Lembram que um dos motivos que o SPI usava naquela época para punir os índios que desobedeciam às regras impostos por eles era mandar os índios de uma etnia para morar em outra aldeia a fim de cumprir a pena e cumprindo a pena voltariam novamente ao território de origem. Mas isto não aconteceu com os Paresi, uma vez sendo o número de Umutina muito pequeno e que correia o risco de ser extintos e uma vez extintos perderiam a posse da terra, e como garantia da posse da terra, os Paresi contribuíram para a perpetuação dos Umutina e de sua Terra.

Os Nambikwara vieram depois dos Paresi para habitar a terra indígena Umutina, e são essas duas etnias que foram trazidas e que tiveram resistência em se misturar com os Umutina logo no começo e por isso só se casavam entre eles mesmo, mas com o passar do tempo seus filhos começaram a se casar com os Umutina, tanto os homens quanto as mulheres até os dias atuais.

Assim iniciou-se o processo de casamentos interétnicos entre os Paresi, Nambikwara e Umutina e, posteriormente, com outras etnias como: Bakairi, Manoki, Bororo, Terena e também com os não índios. A mais recente etnia presente na aldeia é Chiquitano.

1.1 Fortalecendo a cultura Umutina

Conforme escreveu Monzilar (2012), houve um período quando o povo Umutina se via em crise de identidade, pois não sabiam qual cultura adotar, e passou então a usar adornos que não eram dos Umutina. Com toda essa crise que o povo estava passando em relação a sua cultura, surgiu a necessidade de se pensar em qual cultura seguir, pois já havia muita miscigenação entre os povos que residiam naquele local.

Este processo não foi nada fácil para os Umutina, mas da mesma forma aconteceu com as outras etnias que a exemplo dos Umutina viam suas identidades misturadas, sua língua e culturas sendo violentamente invadidas. E isso estava causando um conflito interno onde residiam aqueles povos, segundo relata Monzilar (2012). Nos anos 1990, teve início a discussão com relação à cultura e nesta época tinha muitos anciões, tanto Paresi como Umutina. Dentre eles posso citar a finada Kazacaru e o Jula Paré, ambos Umutina, o finado senhor Pedrinho e o Antônio Paresi, que começaram a discutir e enfrentar conflitos entre si sobre que cultura ensinar às crianças. Nesse período, o cacique da aldeia era o senhor Joaquim Kupodonepá e o chefe do posto era o senhor Juscelino. Alguns dos mais velhos começaram a ensinar a dança do povo Paresi, o Bate-pé, e diante dessa situação houve brigas, conflitos internos entre os Paresi e os Umutina. Na época, havia somente dois professores indígenas, que colocaram para a comunidade a necessidade de uma reflexão em relação à cultura das etnias que ali residiam, e que se encontravam num momento de entrelaçamento cultural. A comunidade é quem deveria decidir

Foram realizadas várias reuniões na comunidade e o povo teria que entrar em consenso. Ao final, a comunidade decidiu que, a partir daquele momento, os que morassem e nascessem ali, seriam considerados Umutina, afinal era a cultura umutina que estava mais ameaçada. Também tradicionalmente aquele era o lugar de origem do povo Umutina, que ainda constituía

a maioria étnica na aldeia. A esse processo de pactuação quanto à autodenominação e afirmação cultural passou-se a chamar de “Unificação dos Umutina”, de acordo como conta Monzilar (2012).

Nesse contexto, o senhor Luís, como cacique, foi importante nessa discussão. Ele era aberto e compreensivo a essa questão. Após a Unificação Umutina, houve, conseqüentemente, uma maior abertura ao diálogo para ensinar a cultura dos Umutina na escola. O senhor Jula Pará dizia: “a cultura é muito sagrada”, como ouvi ele dizer em vários momentos na aldeia Umutina. A partir desse acordo, foi possível amenizar os conflitos. Essa discussão sobre a cultura foi consolidada no ano de 1995.

Posteriormente iniciou-se o processo de revitalização da cultura umutina no espaço escolar e também na comunidade. Esse processo não foi muito fácil, pois alguns tinham receio em aprender uma cultura que não fosse a deles.

Em torno do ano 2000, foi criado um grupo de jovens, denominado Nação Nativa Umutina, que iniciou um trabalho de “revitalização” da cultura e da língua umutina. A iniciativa desse grupo de jovens umutina era explorar os mais velhos com relação os seus saberes e colocá-los em prática. Um desses anciões, importante colaborador do grupo foi o senhor Jula Pará. Mas devido à saída de muitos integrantes do grupo para estudar fora da aldeia, houve o término do grupo Nação Nativa Umutina, e alguns jovens que na aldeia ficaram continuaram a incentivar os demais jovens a praticarem os cantos, danças, pinturas corporais e outros. A escola é hoje a maior responsável por dar continuidade a esse trabalho, pois ela passou a ser vista como um importante espaço para o resgate da identidade étnica, cultural e linguística desse povo.

Em 2006 acadêmicos umutina concluíram o curso de Licenciatura no 3º Grau Indígena na Unemat de Barra do Bugres-MT, sendo que o tema dos trabalhos de conclusão de curso foi todos referentes a cultura umutina e isso facilitou ainda mais na transmissão de conhecimentos adquiridos para as crianças e jovens da aldeia. E houve também as pesquisas dos não indígenas que fortaleceram ainda mais os registros sobre as histórias e trajetória do povo Umutina.

Vale ressaltar que hoje, embora todo o processo vivido pelos Umutina, sentimos que há grandes transformações entre os mesmos, sobretudo por serem misturas de diversas etnias e, mesmo assim, todos que residem na aldeia se denominam como Umutina, ou seja, praticam somente a cultura umutina e com isso houve uma nova constituição de identidade Umutina.

1.2 O povo Umutina em contexto atual

A Terra Indígena Umutina já está demarcada e oficializada através do processo efetuado em 24 de abril e registrado no cartório do município de Rosário D'Oeste - MT. Foi reconhecido por meio do Decreto Estadual nº 385 de 06/04/1915, mas os Umutina só receberam o título definitivo da terra pelo Estado de Mato Grosso em abril de 1960, através do registro nº 4.021, no Cartório do 1º ofício Comarca de Rosário Oeste - MT, com o nome de Posto Indígena Umutina, conforme informado no site da FUNAI.

O Território Indígena Umutina está localizado no município de Barra do Bugres, região Médio Norte do Estado de Mato Grosso – Brasil. É uma área em quase toda a sua totalidade rodeada pelos rios Bugres e Paraguai, e a extensão da TI é de 28.120 hectares. (MONZILAR, 2013)

A população atual Umutina-Balatiponé é de aproximadamente 530 pessoas, a maioria entre crianças e jovens. Atualmente, além dos Umutina originários do lugar, vivem na aldeia pessoas Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Manoki, Kayabi, Chiquitano, Terena e também alguns não índios.

Considerando a classificação linguística, o povo Umutina pertence ao tronco linguístico Macro Jê, embora o povo não tenha mais domínio de sua língua materna, porém, está em processo de revitalização visto que é muito importante para a identidade do nosso povo. Todo esse processo do contato vivido pelo povo Umutina, infelizmente teve grande impacto na atualidade, e atualmente a primeira língua que aprendemos é a língua portuguesa. Porém mesmo não sendo falante da língua nativa estamos nos esforçando na tentativa da revitalização da língua umutina, tanto nos espaços escolares como nos da comunidade em geral.

Sabemos que não é um processo fácil, mas o primeiro passo já foi dado que são as pesquisas acadêmicas realizadas com a temática sobre a língua umutina, tanto pelos professores indígenas e também pelos não indígenas. Os anciões Joaquim Kupodonepá e Antônio Apodunepá, entre os poucos que ainda sabem a língua, tem contribuído nas pesquisas realizadas. Outro fator de grande relevância para nós, Umutina, é que na matriz curricular da Escola Indígena Jula Pará, faz-se presente a abertura de espaço para trabalho com a língua materna umutina, ou seja, é uma disciplina obrigatória, o que tem facilitado muito, pois desde cedo as crianças já começam a aprender as primeiras palavras na língua umutina. Posteriormente, conforme vão crescendo, vão assimilando alguns nomes na língua umutina, como nome das comidas típicas, dos peixes, pássaros e também as pequenas frases na língua materna, entre outras matérias que já se tem registrado.

Com relação à estrutura física, a aldeia central possui um formato retangular e as casas são distribuídas uma ao lado da outra. As casas ainda são feitas de materiais fornecidos da

própria natureza como madeira, ripas de taquara, e cobertas com palhas de babaçu e buriti. Mas há também construções de casas de tabuas e alvenaria cobertas com telhas de barro.

A aldeia central tem uma boa estrutura de atendimento para as pessoas, como a escola que no período matutino atende a Educação Infantil, no período vespertino atende as turmas do Ensino Fundamental, e no período noturno atende as turmas do Ensino médio. Todos os professores são Umutina, e são habilitados em três áreas do conhecimento: Ciências Matemáticas e da Natureza, Ciências Sociais, e na área de Línguas, Arte e Literatura. Também tem professores com especialização em Educação Escolar Indígena e também temos dois professores já mestres e, atualmente, um está cursando o Mestrado e uma cursando Doutorado.

Há também o Posto de Saúde com Técnico em Enfermagem e uma Agente de Saúde indígena atendendo a população, todos indígenas. Também na aldeia tem a casa de administração da FUNAI onde o coordenador Técnico é indígena, papel que antes era só ocupado pelos não indígenas. Contamos com a água encanada, oriunda de poços artesianos. Há também a casa tradicional onde realizamos nossos rituais e reuniões da comunidade.

No centro da aldeia, contamos com dois campos de futebol, sendo um masculino outro feminino. A aldeia é banhada pelo córrego Dezoito que nasce dentro da terra indígena e, na língua umutina, chama-se Helatinoparé. Como forma de defesa do nosso território, novas aldeias estão sendo abertas e os Umutina estão divididos entre duas aldeias maiores: aldeia Umutina e aldeia Bakalana situadas no mesmo território. A aldeia Bakalana encontra-se a 18 km da aldeia central. Também há pequenas aldeias como: Águas Correntes, Adônai entre outras. Recentemente, depois de muitas reivindicações aos órgãos competentes, essas três aldeias foram privilegiadas com a energia elétrica. Na aldeia Bakalana está sendo construída uma escola municipal onde serão atendidos os alunos da educação infantil. As casas das aldeias que estão sendo abertas seguem os mesmos modelos de moradia da aldeia central e pouco a pouco as famílias vão equipando suas casas com equipamentos eletrodomésticos e eletrônicos.

Como base de subsistência, o nosso povo vive da agricultura, continuam cultivando a roça de toco e dando continuidade as técnicas e conhecimentos tradicionais dos nossos antepassados. Algumas famílias plantam para seu próprio consumo e também para a comercialização e plantam mandioca, milho, arroz, banana, melancia, abobora, cará, batata doce, etc. Já houve períodos onde tínhamos a roça comunitária mecanizada, onde foram plantados arroz, milho, mandioca. Mas no momento estamos nos organizando para novamente fazer a roça comunitária, onde serão plantados os mesmos produtos citados acima. Muitas famílias em seu próprio quintal cultivam as frutas cítricas e algumas hortaliças, cada um é

responsável pela sua própria plantação. Além dos cultivos, o povo pratica a coleta de frutos silvestres.

Como alternativa de renda também tem a pesca que é uma fonte de renda para muitas famílias e principalmente para a própria subsistência. Os peixes mais consumidos por *Umutina* são: pintando, cachara, bagre, piraputanga, curimatá, jurupoca entre outros. Há também criação de bovinos e equinos. Algumas pessoas são assalariadas, como os funcionários da FUNAI, professores estaduais e municipais, profissionais da saúde e muitos também são pensionistas. Além disso, os *Umutina* também confeccionam artesanatos de madeiras e sementes que resultam em algum montante de recursos financeiros. Com os recursos adquiridos compram alimentos, roupas, calçados, utensílios para casa etc.

Em relação às práticas culturais, o povo vem valorizando e praticando as danças, os cantos, as pinturas corporais, comidas e bebidas tradicionais e também a confecção dos artesanatos. Os rituais e danças do povo *Umutina* tem vários significados e é uma forma de agradecer e homenagear os espíritos. Acreditamos que tudo que tem na natureza tem seu próprio dono, por isso algumas danças são oferecidas aos espíritos como forma de pedir permissão para usufruirmos do que tem nela e também de agradecimento pela caça, pesca e matéria-prima que ela nos fornece.

1.3 Danças Umutina

No mês de abril comemora-se se o Dia do índio, ocasião em que o povo Umutina se organiza para a realização das festividades culturais. A comunidade, juntamente com os alunos da Escola Jula Pará, se reúne para o preparo das comidas tradicionais; alguns homens e jovens vão pescar, outros vão caçar animais silvestres para moquear¹. As mulheres preparam a massa de mandioca para fazer o beiju, preparam a chicha de arroz e de milho, e depois que todas as comidas tradicionais estão prontas, todos se vestem culturalmente para a realização das apresentações culturais, quando são dançadas as danças culturais: *Mixinosê, Katamã, Jekirinó, Yuri, Boiká, Akakôno, Pikurina e Lorunó*.

Os rituais e danças do povo Umutina são muito importantes e são uma forma de agradecer e homenagear os espíritos que são protetores da natureza por ela estar sempre nos fornecendo a caça, pesca etc.

¹ Moquear é uma forma de assar as carnes de caça sem tempero. As carnes ficam no fogo até ficarem bem sequinhas.

A dança *Yuri* é uma dança que é feita com pares, e participam da dança os homens juntamente com as mulheres. Essa dança é dançada nas apresentações culturais do povo e também nas apresentações que ocorrem fora da aldeia.

A *Lorunó* é uma dança com a participação do homem e da mulher. É uma dança que as mulheres dançam arrastando o pé e esse ritual de dança é feito usando máscara de palha de buriti. Durante o ritual é entoado sons de flautas. Essa dança é dançada nas festividades culturais do povo e também nas apresentações que ocorrem fora da aldeia.

A dança *Katamã* (dança do Martim Pescador) é uma das danças onde somente os homens participam. Nesta dança representam imitando o bico do pássaro, cantando e procurando seu alimento. Na mitologia este pássaro foi quem criou a flecha para seu povo. Através da dança é uma forma de agradecer aos donos dos peixes pela pescaria farta.

A dança *Jekirinó* é feita em homenagem as andorinhas, pois estas aves simbolizam a união do povo. A dança é feita abrindo os braços, imitando as andorinhas

A dança *Mixinose* é a dança da esteira velha. Considerada sagrada, a esteira representa o espírito de pessoas já falecidas. É uma das danças de culto aos mortos.

A dança *Boyká* é realizada com arco e flecha e é uma dança de guerra e pode ser usada no encorajamento dos guerreiros.

Kurioká é uma dança com a flauta (*minoxuare*) feita de buriti. Antigamente era uma dança onde usava somente o *hakikano* e a flauta, o bodó não era usado. É uma dança que não é agressiva, é uma dança festiva.

Todas essas danças citadas acima são as danças que atualmente estamos praticando e foram revitalizadas através de pesquisas realizadas pelos próprios Umutina e também com a participação do ancião Jula Paré, que foi uns dois maiores protagonistas da revitalização da cultura *umutina*, tanto que em homenagem a ele a nossa escola hoje se chama Julá Paré.

1.4 Pintura corporal

A pintura corporal é uma arte que continua presente na cultura do povo Umutina. As pinturas corporais representam animais da natureza, como tamanduá, cobra, e jaguatirica e também tem pinturas que representam peixes como a cachara e o pintado. Os antigos Umutina acreditavam que ao pintarem o corpo com as pinturas dos animais eles teriam a força e a coragem deles, porque admiravam o animal pela garra e força.

Conforme relata Huare (2010), lembrando Schultz (1943), antigamente homens e mulheres costumavam pintar o corpo quase diariamente. A pintura mais frequente era negra,

feita com sumo de jenipapo (*genipa Americana*) e a cor vermelha era feita com tinta de semente de urucunzeiro (*Bixa Orellano*) e raras vezes utilizavam barro amarelo.

Conforme relata Cleomar Myahu Tan Huare, a pintura de casamento era usada para o casamento tradicional do povo Umutina. O homem pintava o corpo somente de urucum. A mulher se pintava somente de jenipapo e se pintava nos braços com a pintura de cobra (*Ebaki*). No restante do corpo era usada a pintura que significava o peixe pintado. Porém essa pratica do casamento tradicional não se pratica atualmente, pois os casamentos atuais seguem os mesmos modelos dos não indígenas (apenas se juntam e às vezes se casam no civil etc.). Sobretudo, continua-se usando as pinturas de casamento, mas somente para serem usadas nas danças tradicionais do povo.

A pintura de tamanduá (*Bwé*) era usada somente pelo homem. Pintava-se com urucum, jenipapo e argila amarela. Usava-se diariamente nas festas tradicionais e principalmente nas apresentações culturais. Pintavam-se de tamanduá por acreditarem que fazendo a pintura do animal ganhavam a força e a coragem do animal espiritualmente. Essa pratica continua sendo usada por alguns homens nos dias de hoje. A pintura da mulher solteira é usada somente pelas mulheres solteiras. A pintura é usada os traços do peixe pintado. Essa prática continua sendo feita até os dias de hoje.

Atualmente os Umutina têm valorizado muito as pinturas corporais que são usadas nas festas tradicionais e também nas apresentações culturais. É importante ressaltar que antes os jovens tinham receio de se pintar, mas hoje a realidade totalmente diferente, pois hoje é muito comum chegar à aldeia e ver alguém pintado.

O povo Umutina tem feito muitas coisas para revitalizar as práticas da cultura tradicional. Assim, várias pessoas da aldeia, como o jovem Cleomar (que entrevistei), têm procurado livros que registraram os modos de vida de antigamente, principalmente, sobre as vestimentas, os costumes, os adornos, as pinturas e como usavam seus cabelos. Os registros feitos, principalmente, por Harald Schultz ainda no início do século passado, tem sido uma das fontes onde o povo busca dados de como vivia o povo antigamente. Assim está sendo possível se reconstruir as práticas tradicionais, como os adornos e enfeites, as pinturas corporais, o corte de cabelos, as vestimentas.

1.5 Imagens do povo Umutina: Antigamente e atualmente

Figura 1 – Homem *Umutina* antigamente e atualmente



Foto: Harald Schultz/Museu do Índio, 1943/44/45

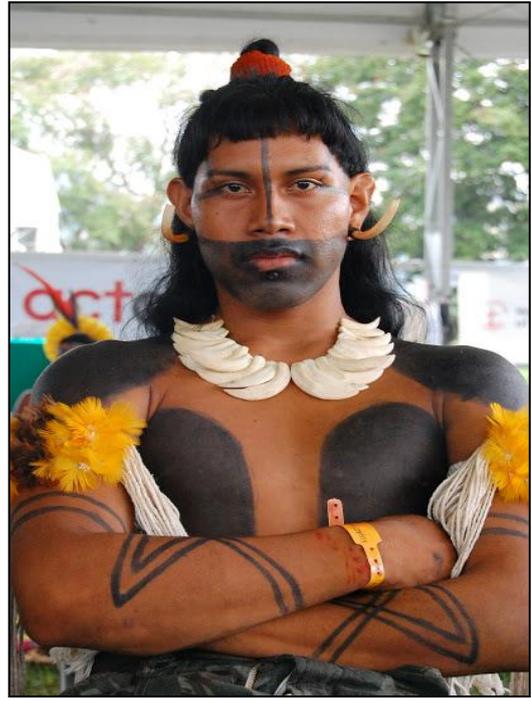


Foto: José Ricardo Pinto. Parte da edição impressa do PONTO DE VISTA agosto de 2012

Figura 2 – Mulher *Umutina* antigamente e atualmente

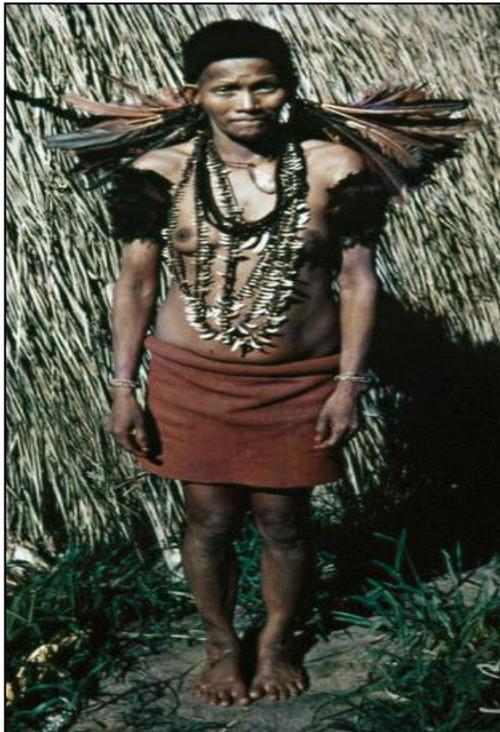


Foto: Harald Schultz, 1943/44/45



Foto: Leocilio Filho Boroponepá, 27/11/2014

Figura 3 – Umutina antigamente e atualmente



Foto: Foto: Harald Schultz, 1943/44/45



Foto: Alessandra C. Boroponepá, 12/12/20

CAPÍTULO 2 – O CASAMENTO UMUTINA

Antigamente para a realização do casamento dos Umutina deveria se seguir uma norma muito rígida: o rapaz precisava ser um bom caçador e pescador, só depois de demonstrar que era um bom caçador é que ele podia se casar.

Conforme relata Kupodonepá e Quezo (2006), antigamente os rapazes tinham o cabelo bem comprido e amarravam o cabelo atrás, formando um rabo de tatu (*Ajibabá*) que usavam quando iam namorar com uma moça a noite, e faziam isso também no dia do casamento.

O candidato ao casamento cortejava a moça durante algum tempo; a moça e o rapaz se aproximavam nas danças dos cerimoniais do *Ritual do Culto dos Mortos*. As moças preferiam os rapazes que eram bons caçadores. Quem não sabia usar o arco e a flecha não era um bom partido para se casar

O casamento entre parentes consanguíneos em primeiro e segundo grau não era permitido. Era permitida qualquer outra união matrimonial. O pai podia mandar a moça casar com o rapaz que ele escolhia para ela. Quando as pessoas da aldeia ficavam sabendo que haveria casamento os noivos se evitavam porque ficavam com vergonha um do outro.

Os pais, tanto do rapaz quanto da moça, é que escolhiam a data do casamento. O pai enfeitava seu filho, fazia rabo de tatu com o cabelo bem comprido que lhe caia às costas. Colocava novos enfeites de penas nos braços, untava o corpo do filho de urucum.

O moço, ao escurecer, se dirigia a casa da noiva, e o pai dela perguntava: Quem é? Como se chama? Então o rapaz dizia o nome e sendo aceito, o pai fazia a filha abraçar o moço, em sinal de aceitação.

Mesmo que a moça não queria aceitar o rapaz, era forçada pelo pai e mãe a dormir com ele. O rapaz não podia tocar na moça durante a primeira noite. De madrugada o rapaz ia para casa de sua mãe buscar arco e flecha para ir caçar.

Se não encontrasse nenhuma caça para matar, ele não podia voltar para casa da moça. Então passava a noite na mata na tentativa de matar muitos bichos e peixes. Ao entardecer, ao chegar da caçada, ia direto á casa da moça com a caça, anunciando sua chegada de longe com toques de buzina de chifre ou rabo de tatu canastra.

A família da moça ficava muito contente e satisfeita e todos iam ao seu encontro. Por ter voltado com muita caça, ele já começa a morar na casa da moça.

Depois de casado, ele tinha que caçar mais três vezes, e só depois não precisava mais caçar todos os dias.

Os Umutina que tinham filhas moças não queriam que suas filhas se casassem com rapazes que fossem maus caçadores, somente que se casasse com rapazes que fossem bons caçadores.

A princípio, a jovem esposa se mostra envergonhada, não quer se sentar ao lado do marido. A caça que ele traz, ela nem toca e nem prepara, fica com vergonha de dar comida ao marido, tudo é a mãe que faz por ela.

Depois do casamento o rapaz passava a viver na casa dos sogros, compartilhando a vida econômica da família de sua esposa e obedecendo ao sogro como e fosse seu próprio pai.

O roçado e outros bens, com exceção de suas armas de caça e enfeites, o rapaz deixava para a mãe, no dia do casamento.

CAPÍTULO 3 – FALANDO DE CULTURA E IDENTIDADE

Como o tema da pesquisa que estou aqui apresentando está diretamente ligado a questões sobre cultura e identidade, nesta seção vou fazer alguns esclarecimentos sobre os dois conceitos.

Toda sociedade tem sua maneira de se organizar, através de suas manifestações culturais: Costumes, Crenças, Religião, Música, Adornos, a Indumentária (forma de se vestir) Rituais Religiosos, Língua falada e escrita, Mitos, Hábitos Alimentares, Danças, Formas de Organização Social, etc. Porém são esses elementos que sustentam a nossa identidade e que diferenciam os mais diversos povos uns dos outros.

A palavra cultura tem origem do latim, conforme afirma Santos (1994), e seu significado, originalmente, se relaciona a atividades agrícolas. Especificamente tratando do sentido da palavra do latim, quer dizer “cultivar”.

Stuart Hall (1997) afirma que cultura é um sistema de significados que são compartilhados por pessoas de um mesmo grupo de convívio e é o modo de vida deste grupo. Para o autor, a Cultura é que estabelece os sentidos das práticas e dos valores das experiências dos sujeitos de um determinado grupo. Assim, a cultura não é herdada pelo sangue, mas construída nas experiências de todo dia de um povo.

A cultura, então, pode mudar sua expressão em função de mudanças e de acontecimentos vividos pelo grupo de convívio. Como todo e qualquer grupo humano, os povos indígenas também passam por transformações nos seus modos de vida, embora estejam sempre lutando pela valorização e pelo fortalecimento da própria cultura tradicional que manteremos nossa identidade sempre viva.

Quando eu penso em identidade, na minha cabeça, fica a ideia de que identidade é a consciência que cada indivíduo de uma sociedade tem de si mesmo: aquilo que ele é. É através da cultura da sociedade da qual fazemos parte que podemos definir o que gostamos o que queremos ser, e diante das entrevistas que realizei, percebi que as pessoas entrevistadas, embora sejam filhos de pais de etnias diferentes, todas querem e gostam de se afirmarem sua identidade como Umutina-Balatiponé.

Silva (2013) afirma que a identidade é definida pelo que o sujeito se diz ser, enquanto que a diferença se constitui pelo o que o outro é, ou seja, o outro é aquilo que eu não sou. Assim, eu sou *Umutina* e os outros são tudo que o Umutina não é. Assim sendo, identidade e diferença possuem características de afirmação e negação, ou seja:

Aquilo que é e aquilo que não é. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade, (“aquilo que sou”), uma característica independente, um fato. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma identidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (SILVA, 2013, p. 74)

Ao afirmarmos que somos deste ou daquele povo, nós indígenas mostramos que existe uma relação entre a identidade e a etnia a qual pertencemos, e esse pertencimento nos dá uma noção de que assumimos mesmo que estrategicamente uma forma de identidade. O pesquisador Stuart Hall (2011) também esclarece que a identidade étnica é um termo utilizado para caracterizarmos a cultura, a “língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhados por um povo” (Hall, 2011, p. 63). As afirmativas de Hall (2011) dão pistas de que a cultura nacional é um discurso compostos por símbolos e representações, uma forma de narrar-se dos indígenas.

Pensando no tema desta pesquisa, os casamentos interétnicos na aldeia *Umutina*, é necessário abordar sobre a questão de cultura híbrida, sobre o que vou falar a seguir, na próxima seção.

3.1 Cultura híbrida

Cultura híbrida é um conceito que vem sendo muito discutido nesse mundo globalizado, porque vivemos nessa época em que fica fácil o contato entre diferentes culturas, mas esta mistura cultural não é coisa nova. Assim que os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, trouxeram consigo uma bagagem cultural que era diferente dos indígenas que viviam aqui, pois os indígenas tinham sua própria cultura, suas crenças, os costumes, religião, ou seja, seu próprio modo de viver.

O mesmo aconteceu com os africanos que foram trazidos para cá, que também tiveram que se adaptar ao novo cenário de uma terra, um país muito diferente do seu país. Com o tempo, houve a mistura dessas culturas, a indígena, a africana e a cultura portuguesa, e assim as três culturas se misturaram e formou uma só cultura, a cultura brasileira. Essa mistura aconteceu em todos os sentidos, na religião, nos tipos de comidas, na construção da língua falada no país,

etc. A mistura das três culturas também está presente nas manifestações culturais que acontecem no país, por isso, somos híbridos culturalmente.

Ao resenhar a obra de Stuart Hall, *A identidade cultural na pós modernidade* (2004), Poletto e Kreutz (2014) explicam que o autor argumenta que as identidades culturais são híbridas, afirmando que “(...) não é possível afirmar que temos uma ‘identidade’, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação” (Poletto e Kreutz, 2014, p. 202).

Dessa forma, os Umutina são um povo híbrido culturalmente, pois assim como aconteceu a mistura dos três povos que inicialmente construíram a cultura brasileira, assim também se deu o hibridismo do nosso povo, que é a mistura de diversos povos, pois conforme outras etnias foram chegando viram seus costumes, crenças, religião, se modificando, e devido os casamentos multiétnicos que ocorreram são os filhos desses casamentos, que hoje formam e constituem a identidade do povo Umutina-Balatiponé.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Para fazer esta pesquisa, precisei seguir alguns passos de metodologia científica. Então a pesquisa foi metodologicamente organizada a partir dos seguintes passos: primeiramente busquei dados em vários materiais que tratam sobre o povo Umutina: em livros, em trabalhos de Conclusão de Curso de professores da aldeia que já fizeram o 3º Grau Indígena, em sites na internet. Nestes materiais eu procurei dados que já foram publicados sobre a história do contato do meu povo com os não indígenas e, principalmente, sobre como o povo Umutina era antigamente. Destes materiais coletei fotos (imagens) e também coletei fotos dos próprios Umutina da aldeia. Para saber sobre alguns dados do casamento tradicional procurei entrevistar um jovem umutina estudioso do passado do meu povo.

Li também materiais bibliográficos que tratam sobre o conceito de identidade, cultura e cultura híbrida.

Fiz levantamento sobre os casais que tem na aldeia para saber sobre as etnias deles. Em seguida escolhi casais que representam um geral da população Umutina na aldeia, ou seja, anciões, maduros e mais jovens e então selecionei casais assim: três casais com idade próxima de 60 (sessenta) anos; dois casais com idade próxima de 40 (quarenta) anos; três casais com idade próxima de 20 (vinte) anos; um casal jovem com idade próxima de 17 (dezessete) anos.

Depois fiz as entrevistas que foram gravadas com celular. Fiz um roteiro de perguntas e, conforme o entrevistado ia falando, eu ia gravando e fazendo algumas anotações. Logo que terminava a entrevista já ia fazendo as transcrições das entrevistas.

Com as entrevistas escolhi alguns elementos que entendi serem diferenciais para eu entender sobre “identidade”, então organizei as respostas dos casais sobre estes elementos e montei o quadro de dados, que está no próximo capítulo. Os elementos são: Etnia dos casais; Idade; Ensinaamentos de mitos e valores; Língua ensinada para os filhos; Práticas culturais ensinada para os filhos; Auto reconhecimento e como denominam a etnia dos filhos.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS

Como escrevi acima, depois das entrevistas, li todas elas e selecionei as respostas de acordo com o que eu queria de objetivo para este trabalho. Os resultados apresento em forma de quadro, os quais estão separados pelos elementos identitários que selecionei.

Quadro 1 – Casais de 60 anos

Casais de 60 anos	Sobrenome dos filhos	Ensinamentos Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Umutina (M) Paresi (F)	Os sobrenomes são tanto do pai quanto da mãe.	Os ensinamentos foram mais do povo Umutina	O que sabem da língua é do povo Umutina	As práticas culturais que a gente segue é Umutina.	Como Umutina, por que nasceram, cresceram e moram aqui. Então por isso denomino a etnia dos meus filhos como Umutina.
Casais de 60 anos	Sobrenome dos filhos	Ensinamentos Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Paresi (F) Kaiabi (M)	Os sobrenomes são tanto do pai como da mãe.	Aprenderam quando pequenos alguma coisa com os avos Paresi.	Sabem algumas palavras de Paresi. Mais o que mais sabem é de Umutina.	As práticas Culturais quando pequenos aprenderam mais de Pareci, Mais agora na fase adulta seguem dos Umutina.	Embora meus pais sejam Paresi e meu esposo Kaiabi, todos meus filhos nasceram aqui cresceram aqui, então pra mim eles são Umutina,
Casais de 60 anos	Sobrenome dos filhos	Ensinamentos Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Paresi (M) Umutina(F)	Os sobrenomes são tanto do pai quanto da mãe	Aprenderam algumas coisas de Paresi quando pequenos.	O pouco que sabem é de Umutina.	Sobre as práticas aprenderam quando pequenos com os avós	Considero como Umutina.

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Quadro 2 – Casais de 40 anos

Casais de 40 anos	Sobre Nome dos filhos	Ensinaamentos Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Paresi (M) Paresi/Nambikwara (F)	Os sobrenomes são do pai é da mãe	A gente procura incentivar eles desde pequenininho sempre falando pra eles da importância da dança dos rituais de tudo ne, por que é disso que nós todos vamos precisar.	A língua atual mesmo é Umutina e a que a gente procura ensina pra eles, e eles mesmos já aprendem na escola.	Sempre comemos beiju que gente não deixa, xixa tem todos os dias quando eu não faço ai mamãe faz minha sogra também.	Na verdade, a gente identifica como Umutina ne, porque apesar da a gente ser filho de Parecis e Nambikwara quando a gente sai pra fora a gente fala que é Umutina.
Casais de 40 anos	Sobre Nome dos filhos	Ensinaamentos Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Umutina/Paresi(F) Manoki/Paresi (M)	Todos têm o meu sobrenome meu e de meu esposo, nenhum deles foram batizados culturalmente.	Hoje as práticas culturais que eles aprendem é Umutina, sobre nossa alimentação comemos tanto do não índio como o nosso sempre tem beiju farinha essas coisas assim tem mandioca, a caça mesmo.	Sobre a língua alguma coisa que eu sei, mas o que o meu filho aprende ele fala e o que ele sabe ele tá aprendendo e na escola	Hoje as práticas culturais que eles aprendem é Umutina	Tudo que seguimos é do povo Umutina até por que não temos muito contato com o povo dele, ele tá pra cá eu acho assim que se nos tamos em um lugar nós temos que viver nossa realidade.

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Quadro 3 – Casais de 20 anos

Casais de 20 anos	Nome dos filhos	Ensina ment os Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Paresi/Nambikwar a(F) Bakairi/Paresi (M)	Os Nomes dos filhos são na língua Umutina	Tudo que aprendemos é do povo Umutina, pois nascemos aqui, moramos aqui nossos filhos nasceram aqui.	Umutina	Sobre os costumes mesmo eu mesmo gosto bastante de tomar xixa, assar peixe, uma carne assada de animal silvestre, peixe assado e ensino pros meus filhos.	Alguém pode vir falar você é Paresi você é Bakairi ou Nambikwara? Mas eu mesma me identifico como Umutina, mesmo que a gente não tenha sangue nas veias mais por fato de nascer mesmo e crescer aqui e pelo respeito também.
Casais de 20 anos	Nome dos filhos	Ensina ment os Valores, Mitos.	Língua	Praticas culturais	Denominação de etnias dos Filhos
Paresi/ Nambikwara(F) Paresi(M)	Não são batizados no ritual indígena, quanto os sobrenomes decidimos colocar tanto o meu quanto o dela para não deixar morrer os sobre nomes indígenas.	Tudo que praticamos canto/dança são do povo Umutina e sobre a comida tradicional que não pode faltar é o beiju, a xixa, o peixe a carne moqueado.	Sobre a língua Umutina o pouco que eu sei eu tento passar pra nossas filhas, na escola elas também aprendem a língua Umutina, então a gente tá sempre incentivando para não deixar morrer a cultura indígena.	Sobre as práticas culturais como eu já disse o que ensinamos e do Umutina mesmo porque mesmo meu pai e minha mãe sendo filhos de Paresi eu me considero Umutina.	E eu identifico a etnia das minhas filhas como Umutina mesmo nos sendo essa variedade de misturas.

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Quadro 4 – Casais de Jovens

Jovens filhos de	Idade	Ensinamentos Valores, Mitos.	Língua	Práticas culturais	Denominação da etnia
Bakairi / Paresi	26 anos	Eu me acostumei aqui, então eu pretendo morar por muito tempo aqui, acostumei aqui por que aqui tem uma terra muito boa, é muito rica de caça de pesca é perto da cidade, e já tenho muitas amizades aqui também, pretendo casar aqui ter meus filhos aqui mesmo, mais a gente nunca sabe o futuro da gente mais se depender de mim quero ficar aqui pro resto da vida.	Umutina.	Então eu tô praticando a cultura Umutina.	Mesmo minha mãe sendo Paresi em respeito ao povo Umutina eu me considero Umutina por estar morando aqui na terra indígena Umutina.
Jovens filhos de	Idade	Ensinamentos Valores, Mitos.	Língua	Práticas culturais	Denominação da etnia
Bororo / Nambikwara/ Umutina	17 anos	A escola é muito importante, por que ela nos ensina a valorizar a nossa cultura, e também a confeccionar os artesanatos do nosso povo, por exemplo: o chocalho, o bodo, akikano, as saias, os colares de variadas sementes e dentes e isso é muito importante para nós jovens.	Meus pais sempre me incentivam muito a praticar as danças do povo Umutina, por meu pai ser Bororo o que eu tento aprender com ele é a língua do povo Bororo.	Meus pais sempre me incentivam muito a praticar as danças do povo Umutina,	Eu me considero Umutina, pois tudo que eu sei é do povo Umutina e cada vez mais quero aprender para ensinar para meus filhos.

Fonte: Organizado pelo autor, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar sobre a trajetória do meu povo, passou tanta coisa pela minha cabeça que resolvi iniciar descrevendo sobre a história vivenciada por eles, por isso, faço aqui essa pequena reflexão. Antigamente nossos ancestrais viviam em plena harmonia com a natureza, e devido ao contato e convivência com os colonizadores, meu povo ficou impossibilitado de praticar sua cultura, e foram proibidos de falar sua língua materna, tudo porque eram obrigados a assimilar e praticar a cultura dos não índios. Os colonizadores trouxeram consigo as doenças que provocaram mortes das crianças e velhos Umutina, e isso foi um dos fatores que veio contribuir na diminuição do povo.

Este presente trabalho não seria realizado se meu povo não tivesse resistido bravamente a tudo que citei no texto acima. Embora o processo histórico vivido por eles seja muito triste, sempre achei a história do meu povo muito bonita, principalmente, pelo fato de sermos misturas de diversos casamentos interétnicos. Cito aqui meu próprio exemplo como filha de pais Paresi e Umutina, assim também das pessoas entrevistadas e tantos outros existentes no território Umutina. Tudo que li nos livros e artigos que tratam sobre os conceitos de Identidade, Cultura e Cultura Híbrida é o que confirmei na minha pesquisa. A identidade é aquilo e como a gente se reconhece. Não importa o sangue que corre nas veias, mas a forma que vivemos culturalmente e como valorizamos as nossas práticas.

Devo aqui registrar o quanto me emocionei ao ouvir os relatos das pessoas entrevistadas, cada faixa etária de idade com histórias diferentes, principalmente, em relação à cultura umutina. Embora sejam de gerações diferentes, todos se autodenominam como Umutina-Balatiponé. Fico muito feliz por que é um registro contado pelo nosso próprio povo, que contribuirá muito para as crianças, jovens, adultos. Apesar dos sofrimentos enfrentados, o povo Umutina continua vivo e reconstruindo sua história e sendo protagonista de sua própria história, em todos os aspectos: econômico, político, social e cultural.

Não posso deixar de registrar o quanto foi importante a vinda de outras etnias que passaram a conviver com os Umutina. Embora no início tenha havido resistência, atualmente a convivência entre esses povos é tranquila e todos juntos buscamos cada vez mais fortalecer a nossa identidade como Umutina-Balatiponé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRUZ, Monica Cidele da Cruz. **Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural.** Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Linguística. 2012
- CUPUDONEPÁ, Maria Alice de Sousa; QUEZO, Luizinho Ariabô. **Histórias e mitos do povo Umutina.** Trabalho de Conclusão de Curso. Projeto 3º Grau Indígena. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2006.
- HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo.** Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/ 1997
- _____. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HUARE, Clícia Tan Huare. **História da Educação da Educação Escolar do Povo Umutina** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) Projeto de Formação de Professores Indígenas 3º Grau Indígena.
- HUARE, Ducinéia Tan. **A pintura corporal Umutina e a escola.** Trabalho de Conclusão de Curso. Projeto de Formação de Professores Indígenas. Barra do Bugres, Unemat, 2010.
- MONZILAR, Edna; MONZILAR, Eliane Boroponepá. **A mudança do Povo Umutina da Aldeia Humaitá para a Aldeia Umutina.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais) Projeto de Formação de Professores Indígenas 3º Grau Indígena.
- MONZILAR, Eliane Boroponepá. **Território Umutina: Vivências e sustentabilidade.** Trabalho de conclusão de Curso de Mestrado, 2012.
- POLETTI, Júlia e KREUTZ, Lúcio. **Resenha: A Identidade cultural na Pós-Modernidade.** *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014
- SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. **In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org).** Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome

Idade

Etnia

Sempre morou na aldeia Umutina ou da onde veio?

Há quanto tempo mora na aldeia Umutina?

Há quanto tempo são casados?

Como escolheu o parceiro para se casar?

Tem filhos? Quantos?

Quais são os nomes dos filhos?

No batizado dos filhos levou o nome indígena de qual etnia?

Por que decidiram o nome ser do pai da mãe e o que levaram em consideração para escolher os nomes?

E sobre as práticas culturais que você ensina dança/ canto, rituais de qual etnia você ensina para seus filhos?

Quais costumes seguem em casa?

Sobre a língua materna qual você ensina para seu filho?

Vocês praticam algum ritual?

Como você identifica a etnia do seu filho? Por quê?

ANEXO B – ENTREVISTAS

Entrevistas realizadas com D. Leontina Zaquimaé da etnia Paresi no dia 09/06/2015 Moradora da Aldeia Umutina. Filha de D.Maria Zazokialó e Sr.Elias Zaquimaé já falecidos.

D. Leontina foi respondendo às perguntas de acordo com que eu ia fazendo: Inicie perguntado o nome dela e em seguida foi fazendo outras perguntas: Ela responde que se chama D. Leontina Zaquimaé de 64 anos, da etnia Paresi diz que nasceu e criou aqui, e mora na aldeia desde que nasceu, é casada com S. Pedro Amajunepá da etnia Umutina a 40 anos. Pergunto se casaram pela imposição dos pais ou por gostaram um do outro? D. Leontina diz que se casaram por que gostaram um do outro até por que quando se casou seu pai já tinha falecido e vivia com a mãe.

D Leontina diz que tem seis filhos homens e três mulheres e diz que o filho mais velho Emilio.... Elenir ... Eliete são filhos de seu primeiro casamento com o falecido Boropo. Já com seu Pedro ela diz ter os Filhos Pedrinho... Mateus, Isaak, Tiago e de menina Rosinei... e que teve mais um casal de filhos mais infelizmente faleceram.

Pergunto se os filhos são batizados? e o nome indígena é de qual etnia?

D Leontina responde que sim o filho mais velho Emilio foi batizado com o nome de Enoizoe pergunto se os demais filhos também foram batizados ela responde que sim e de Pedrinho é Inoizokié Mateus é Inoizokemaé e de Isaak é Inoizokece os nomes de batismo são da etnia Paresi mesmo, naquela época mamãe era viva então ela que batizou, mais os filhos mais velhos quem batizou foi o falecido Juca que era nosso avô. E sobre os sobrenomes ela diz que os filhos são registrados tanto com o sobrenome da dela e do pai.

Pergunto sobre as práticas culturais que ensinaram para os filhos quais foram?

D. Leontina responde:- Bom como já somos todos misturados né o que eu acho que eles tem que participa mesmo é de cântico de Umutina é que todos nasceram e criaram aqui, então a gente tem que considera de onde agente é então sobre os costumes que seguimos é de Umutina, e sobre a língua eles sabem alguma coisa é de Umutina eu também sei alguma coisa de Umutina mais também sei alguma coisa de Pareci pergunto se ela tentou ensinar para os filhos de Paresi ela diz que não o que eles sabem é mais de Umutina mesmo ,eles praticam tudo dos Umutina mesmo.

Pergunto como a senhora identifica a etnia dos seus filhos? Bom eu não tenho que recusa deles ser Umutina e de eu ser Paresi, né, isso eu não recuso não por causa o pai deles é legitimo

umutina né, bom pra mim não tem diferença nenhuma dele ser Umutina e eu ser Paresi bom eu penso assim a gente tem respeitar a etnia e respeitar o filhos com a etnia deles.

Entrevista com Seu Pedro Amajunepá de 57 anos da etnia Umutina, morador da aldeia Umutina, filho de D. Inês Baconepá e Apicoré Amajunepá os dois da etnia Umutina já falecidos.

Ele conta que acha que é casado há 40 anos com dona Leontina Zaquimaé, casei com ela por que gostei dela, quando comecei a gostar dela aqui quase não tinha mulher não tinha quase ninguém, tinha pouca gente, os filhos que tenho com ela são Pedrinho, Mateus Tiago Isak e Rosinei cinco né! E faleceu um casal também doente. Seu Pedro fala que só Pedrinho é batizado na etnia Paresi seu Pedro que batizou ele com a avó dele Maria, os demais foram batizados com o padre mesmo, pergunto o que levaram em consideração para escolher o nome dos filhos? Ele responde antes eu lia e gostava muito de ler a bíblia agora que eu não lio muito porque a minha vista fica ruim né, a letra dela são muito miúdo né então não dá pra gente ficar lendo, aí tem nome dos apóstolo Pedro o apóstolo Mateus, tem o apóstolo Thiago, e tem Isaak também, aí tirei nomes os deles muito bonitos, aí ficou esse nomes. E sobre as práticas culturais o que o senhor ensinou pra eles? Eles não gostam muito de fazer artesanato só Mateus mesmo e eu mesmo, mais as comidas tradicionais eles comem e gostam de pescar, sobre língua não ensinei nada e que o pessoal não ensinou nada pra nós né, e papai também não sabia por que ele nunca falou nada pra nós, também não conheci meu vô nem um dos, dois por que eles morreram logo também aí só mãe mesmo e pai aí nós não sabemos nada da língua, e identifico a etnia dos meus filhos como Umutina mesmo.

Entrevista realizada com D. Aída Calomezoré Souza, de 67 anos da etnia Parecis esposa do S. Adilson de Moraes Souza Kaiabi, filha de Alaíde Calomezoré e Emiliano Calomezoré os mesmos da etnia Paresi ambos já falecidos

Pergunto se ela sempre morou aqui ou se veio de outro lugar? D. Aída responde: __ não! Eu nasci aqui criei aqui e já tou velha aqui mesmo, não lembro há quanto tempo sou casada, e casamos porque gostamos um do outro acho que tenho oito filhos o mais velho Jurandir, Maria na língua se chama Kaisusamairo Adilsinho, Adilsinha, Suzana, Rosa, Lucindo, Edileusa, foram batizados no batismo indígena mais eu não lembro mais o nome na língua, foram batizados na etnia Paresi. Todos têm na certidão de nascimento os sobrenomes meu e do pai, pergunto quais costumes seguem em casa? Nós sempre fizemos do Umutina mesmo, em seguida pergunto como ela identifica os filhos? Acho que nos acompanha de Umutina.

Entrevista com seu Adilson de Moraes Souza Kayabi de 61 anos, filho de D. Maria Tame de Morães (kaiabi) e do S. Carlos de Moraes Souza (Cuiabano)

Sou Adilson de Moraes Souza Kaiabi de 61 anos, cheguei aqui na aldeia dos Umutina em 1964.

Cheguei aqui na aldeia dos Umutina em 1964. Não me lembro quantos anos sou casado no civil, mais amasiado já tem mais de 40 anos. Me casei por que gostei de dona Aida.

Temos oito filhos o mais velho é Jurandir, depois veio Maria Jucineide, Adilsinho, Adilsinha Suzana, Lucindo, Rosinha, Edileusa.

Foram todos batizados mais não lembro mais o nome deles indígena. Mais todos tiveram os nomes da etnia Paresi.

Escolhemos os nomes dos nossos filhos por vontade mesmo, e os sobre nomes são meu e dela.

Agora sobre as comidas nós conservamos até hoje, peixe, beiju, xixa e sobre a língua materna eu não ensinei por que não sabia só o português mesmo.

Pergunto a seu Adilson como ele denomina a etnia dos filhos! Então ele responde que Umutina por que estamos na aldeia Umutina.

Entrevista realizada com Cleomar Myahu Tan Huare de 27 anos esposo de Edilene Monzilar Corezomaé, ambos moradores da aldeia Umutina

É meu pai e Bakairi e minha mãe é Paresi mais hoje em dia estamos aqui no Umutina considero como Umutina.

Moramos em vários lugares em Rondonópolis quando era criança, depois em Pakueara na aldeia dos Bakairi, moramos mais ou menos uns cinco nos lá, viemos para Barra do Bugres moramos sete anos na Barra do Bugres e viemos para aldeia Umutina que estamos até hoje desde 2002.

Sou casado com Edilene Monzilar Corezomaé, tenho pra mim que somos casados uns doze anos; Eu casei com ela porque gostei do jeito dela.

Temos quatro filhos à primeira filha é Tayla, o segundo é Awmataari, terceira Minikamá e a quarta é Tami.

Pergunto se os filhos são batizados na cultura? Ele responde que por enquanto não, mais eu pretendo fazer uma festa, quando meu espaço estiver pronto, ai eu vou poder fazer tradicional, e o sobre os sobre nomes tem ambos.

Olha hoje em dia tem muita coisa em faze de resgate do Umutina né, mais eu busco cultivar e ensina elas e tem práticas do povo Bakairi que né agente segue um pouco e tem do povo Pareci e que a minha esposa ela busca incentivar eles bastante também na xixa mesmo tanto no beiju como no peixe busca essas práticas do pareci também.

Já sobre os costumes é mais do povo Umutina mesmo ne por que tem várias coisas que eu ensino pra meu filho ne pra minhas filhas também ne os significados do nome deles, algumas palavras na língua Umutina mesmo e os mitos também ne do povo Umutina eu busco incentivar bastante eles a aprender, pra eles já saber mais quanto ao canto eu acho cedo ainda ne eles vão pegar uma certa idade que eles vão poder tá aprendendo também ne mais quando eles tive mais experiente um pouco.

Entrevista com Edilene Monzilar Corezomaé de 25 anos etnia Umutina filha de Carminda Monzilar e S. Marcondes Corezomaé já falecido.

Bom desde os tempos antigos na verdade agente nasceu e criou aqui mesmo dentro da Aldeia, sou casada com Cleomar há 12 anos. Bom quando Cleomar chegou aqui na aldeia gente se conheceu primeiro ai depois a partir desse momento agente começou a namorar ele pediu pra minha mãe ai o pai dele também aceitou, ai começamos a ficar juntos depois veio a primeira gravides ai então ficamos juntos de vez, porque da primeira filha que tivemos.

Nós temos quatro filhos à primeira filha é Tayla o segundo e Awmataari, terceira Minikamá e a quarta é Tami. Assim na primeira filha eu que impus pra levar o nome ate então o nome é em português, ai no segundo filho até então por ser homem eu deixei por decisão do pai escolher; então ai ele levou mais pro lado cultural ne por que até então nesse tempo agente tava em busca de resgate cultural e o nome seria um resgate cultural, que há muito tempo o povo deixou de colocar o nome indígena e a partir desse momento ele buscou a resgatar nesse sentido de ter o nome indígena. E os demais filhos também são nomes indígenas da etnia Umutina. Ainda não são batizados tradicionalmente só colocamos os nomes e registramos mais batizados culturalmente ainda não são.

Bom por ter nascido e criado aqui na aldeia agente prefere até mesmo pela cultura que ao longo do tempo foi se perdendo preferimos buscar mais por esse lado, sobre os costumes

mesmo eu mesmo gosto bastante de tomar xixá, assar peixe, uma carne assada de animal silvestre peixe assado e ensino pros meus filhos.

Assim pelo fato então da agente não falar a língua tradicional ne agente puxou pro lado mais aportuguesado mesmo, mais aos poucos tentando repassar o que a gente sabe para nossos filhos.

Eu mesmo hoje em dia identifico mais pelo lado Umutina igual eu falei agente nasceu e criou aqui mais pra esse lado que eu puxo, por mais que a gente tem três misturas no sangue Bakairi, Paresi e Nambikwara mais eu prefiro puxar pro lado Umutina mesmo ne, alguém pode vir falar você é Paresi você é Bakairi ou Nambikwara? Mais eu mesma me identifico como Umutina, mesmo que a gente não tenha sangue nas veias mais por fato de nascer mesmo e crescer aqui e pelo respeito também.

Entrevista com Berenice Boroponepá de 33 anos filha de D Adelaide Calomezoré e Benildes Boroponepá

Sou Umutina, sempre morei aqui sou casada há nove anos, com João Osmar Calomezoré Teodoro.

Casamos por que gostamos um do outro e temos três filhos João Felipe Boroponepá Calomezoré Teodoro, Ana Sophia Boroponepá Calomezoré Teodoro, Samuel Boroponepá Calomezoré Teodoro.

Todos têm o meu sobrenome é do meu esposo, nenhum deles foram batizados culturalmente.

Os nomes que coloquei nós meus filhos são da bíblia, hoje as práticas culturais que eles aprendem é Umutina, sobre nossa alimentação comemos tanto do não índio como o nosso sempre tem beiju farinha essas coisas assim tem mandioca direto lá a caça mesmo.

Sobre a língua alguma coisa que eu sei mais o que Felipe aprende ele fala e o que ele sabe ele tá aprendendo e na escola

Ah! Por exemplo, o pai deles é Irantxe mais pra mim tanto faz é normal como outro povo, tudo que seguimos é do povo Umutina até por que não temos muito contato com o povo dele, ele tá pra cá eu acho assim que se nos tamos em um lugar nós temos que viver nossa realidade né, por exemplo, se nós fosse pra lá ai nós ia viver a realidade do povo dele mais como agente vive aqui gente tem que viver a realidade que gente vive sobre cultura comidas mesmo.

Entrevista com João Osmar Calomezoré Teodoro, filho de Euzi Calomezoré e João Teodoro.

Sou Osmar Calomezoré Teodoro, a minha mãe é filha de Pareci e meu pai é Manoki.

Sou casado com Berenice Boroponepá temos três filhos João Felipe Boroponepá Calomezoré Teodoro, Ana Sophia Boroponepá Calomezoré Teodoro, Samuel Boroponepá Calomezoré Teodoro;

Todos os nossos filhos têm tanto o sobrenome meu quanto da mãe deles, os nomes deles foram todos tirados da bíblia.

Sobre a cultura que praticamos e do povo Umutina, pois nascemos aqui tudo que sabemos é do povo Umutina, embora já nos alimentamos de comidas industrializada na minha casa não pode faltar beiju, peixe, xixá.

Sobre a língua Umutina infelizmente eu não sei muita coisa, sei poucas palavras, mais meus filhos aprendem na escola com os professores.

Denomino a etnia dos meus filhos como Umutina mesmo sendo mistura de Paresi, Manoki e considero meus filhos como Umutina, pois todos nascemos aqui.

Entrevistado Alcir Corezomaé de 52 anos da etnia Parecis filho de Izabel e António Corezomaé Parecis casado com Maria Nelita Amajunepá

Nascido aqui criado aqui não recordo quantos anos sou casado com Maria Nelita da etnia Umutina.

Casamos por que gostamos um do outro, nós temos quatro filhos um é Laercio o mais velho né outro e Adaelcio e outra amenina e Vanuza e Rosana. Nenhum deles foi batizado culturalmente, por que naquela época não tinha pessoas que faziam o batizado de índio mesmo, eu ainda fui batizado meu nome indígena é Kinozokeece quem batizou eu foi um índio Paresi mais velho que veio dela. Colocamos os nomes dos nossos filhos por que achamos bonitos.

Sobre as práticas culturais quase que eles não aprenderam ne que quando eles começaram crescer essas coisas de cultura aqui nessa aldeia já tava quase acabando ne, esse começou agora de pouco ne que tão ‘movimentando de novo ne que antes tudo mundo falava seu idioma mais ne , mais ai depois tava acabando tudo agora até minhas irmãs que são mais velhos do que eu não sabe até que eu ainda intendo alguma coisa de Parecis eles mesmo quase que não entende e que mamãe sempre conversava com nós era só no idioma mesmo ela quase

não falava quase com nós no português, agora quem falava mais no português era papai agora mamãe era mais na língua mesmo.

Nós hoje em dia comemos mais é arroz mesmo, macarrão carne mesmo peixe agora o beiju a gente come mais é de vez em quando.

Bom e eles tão seguindo como o meu é como do dela seguimos de Umutina mesmo.

Pergunto se ele lembra os nomes das pessoas que vieram para cá de outras Etnia: não lembro muito mais o que eu lembro de Pareci que vieram, são mamãe Izabel, Papai Antônio, tia Alaide e tio Emeliano, tio Pedrinho, tia Rita, Juventina Floriano e de Nambikwara foi Vardemar ,Tome, Jorge e agora esses mais antigos eu não lembro ah lembro que Maria, Brasilina a e tia Alice também vieram dela com os Parecis desses que eu lembro mais veio mais e esses que vieram casaram aqui mesmo e tiveram seus filhos aqui e hoje eles moram tudo aqui.

Entrevista com D. Maria Nelita Amajunepá de 51 anos, da etnia Umutina. Filha de D. Inês Baconepá e Apicoré Amajunepá (Ambos já falecidos). Casada com seu Alcir Corezomaé

O meu nome é Maria Nelita Amajunepá, tenho 51 anos. Sempre morei aqui mesmo na aldeia Umutina.

Não me lembro há quanto tempo somos casados. Casamos por que gostamos um do outro. Temos quatro filhos e não foram batizados na cultura. Os nossos filhos tem o meu sobrenome e do pai deles.

Pergunto sobre cultura. Ah, eu não aprendi nada e que eles quase não sabia papai e mamãe não contava nada pra gente o que eles sabia, ai eu não aprendi nada também.ai meus filhos também não aprenderam.

Nós comemos comidas de branco mesmo, mais xixá, beiju, carne de bicho nós ainda comemos também e as crianças gostam de comer também.

Tudo misturados ne de um de outro. Mais Umutina mesmo.

Entrevista com Elaine Corezomaé de 38 anos, casada com Luís Fernando Calomezoré Paresi filha de D. Carminda Monzilar e Marconde Corezomaé (já falecido).

Então os pais da minha mãe eram da etnia Paresi e Nambikwara e do meu pai era Paresi. Sempre moramos aqui mesmo nascemos e criemos aqui. Sou casada a 21 anos temos três filhos o mais velho Weliton, Everton o do meio e o Yuri nenhum deles foram batizados culturalmente só no católico mesmo eu fui batizada mais mamãe esqueceu meu nome indígena.

A gente procura incentiva eles desde pequenininho sempre falando pra eles da importância da dança dos rituais de tudo ne, por que é disso que nós todos vamos precisar, principalmente na faculdade hoje em dia meu sobrinho Leninho que conta tia às vezes nos que tamos aqui não damos muito valor ne a primeira vez que ele veio não tem aquela vez que a gente desceu pelo Rio Paraguai agente sem saber tá fazendo uma aula prática e quando gente conta isso na faculdade a senhora não sabe o valor que eles dão, só a gente tando lá pra dar valor aqui.

Sempre comemos beiju que gente não deixa, xixa tem todos os dias quando eu não faço ai mamãe faz minha sogra também.

A língua atual mesmo é Umutina e a que a gente procura ensina pra eles, e eles mesmos já aprendem na escola.

Na verdade a gente identifica como Umutina ne, porque apesar da agente ser filho de Paresi e Nabikwuara quando a gente sai pra fora a gente fala que é Umutina.

Entrevista com Luiz Fernando Luís Fernando Calomezoré Paresi

Meu nome é Luiz Fernando Calomezoré Paresi meus pais são Paresi, mais nasceram aqui na aldeia Umutina, assim como eu também nasci e fui criado aqui. Sou casado com Elaine Corezomaé e temos três filhos Weliton, Everton e o caçula se chama Yuri.

Os sobre nomes dos nossos filhos levam o meu e da mãe deles infelizmente os nossos filhos não foram batizados no batismo tradicional do nosso povo.

Sobre as práticas culturais que seguimos e Umutina, às vezes, nos lugares que eu vou, quando me apresento acham estranho eu me apresentar como Umutina, pois em meu sobre tem Paresi.

Embora eu tenha muito respeito e consideração pela origem de meu pais que são filhos de Paresi, mais nasceram aqui na aldeia Umutina e também nasci aqui e meus filhos também tudo que aprendemos desde que nascemos é de Umutina, e por esse povo que busco sempre melhoria, eu identifico a etnia dos meus filhos como Umutina.

Entrevista com Genieli dos Reis Corezomaé, filha de Creuza dos Reis Amajunepá e Osvaldo Corezomaé Monzilar

Sou Geniele dos Reis Corezomaé, tenho 20 anos, sou da etnia Umutina a minha mãe é mestiça de Nambikwara e não índio e meu pai e de Pareci com Nambikwara, moro aqui na aldeia desde que nasci.

Sou casada há um ano, nós já se conhecia então conversamos com meu pai então ele autorizou e começamos a namorar não namoramos por muito tempo, logo nos casamos. Já temos uma filha de sete meses que se chama Thaieny Corezomaé Calomezoré, e ele também já tem uma filha com uma mulher não índia que chama Haiany Xavier Calomezoré que ele teve no primeiro casamento. Escolhemos registrar nossa filha no cartório com os sobre nomes tanto o meu quanto do pai.

Pergunto sobre qual cultura vai ensinar para filha? Ela me responde que claro que de Umutina já até confeccionei a vestimenta dela e já vestimos ela pra que desde cedo ela aprenda a nossa cultura. E a comida tradicional não deixamos de fazer o beiju, a xixá ela já toma xixa queremos que ela desde cedo aprenda a valorizar que não tenha frescura para comer a comida do nosso povo o que nos sempre estamos cantando pra ela música dos Umutina. E sobre a língua quero que ela aprenda de Umutina, e também quando ela entrar na escola ela vai aprender porque moramos aqui. Pergunto como ela identifica a etnia da filha ela diz que apesar de morar com a sogra que filha de Paresi e sempre chama a neta do idioma Paresi, mais o que nos consideramos é Umutina, porque desde quando a gente nasci já é Umutina não vamos aprender outra cultura.

Entrevista com Sandro Lúcio Calomezoré, filho de D.Jacy Corezomaé e Lúcio Calomezoré

Meu nome é Sandro Lúcio Calomezoré, tenho 30 anos, sou filho de Jacy Corezomaé com Lúcio Calomezoré, mesmo sendo filhos de Paresi me considero Umutina.

Eu mesmo sempre morei aqui, meus pais também nasceram quem veio da aldeia dos Paresi são meus avos que já faleceram.

Sou casado há um ano, decidimos nós casar por que fomos nós identificando um com o outro depois nos casamos. Hoje temos duas filhas Haiany Xavier Calomezoré e Thaieny Corezomaé Calomezoré, não são batizados no ritual Indígena, quanto os sobrenomes decidimos colocar tanto o meu quanto o dela para não deixar morrer os sobre nomes indígenas.

Sobre as práticas culturais como eu já disse o que ensinamos e do Umutina mesmo porque mesmo meu pai e minha mãe sendo filhos de paresi eu me considero Umutina, como todos que nascem aqui são considerados Umutina ai tudo que praticamos canto/dança são do povo Umutina e sobre a comida tradicional que não pode faltar é o beiju, a xixá, o peixe a carne moqueada e a sobre a língua umutina o pouco que eu sei eu tento passar pra elas, mais na escola elas também aprendem Umutina, então a gente tá sempre incentivando para não deixar morrer

a cultura indígena e eu identifico a etnia das minhas filhas como Umutina mesmo nos sendo essa variedade de misturas.

Entrevista com o jovem Eik Junior Monzilar Parikokureu, filho de D. Cleide Monzilar e Salomão Parikokureu

Início a conversa perguntando a idade dele, tenho 17 anos, este ano vou cursar o 2º Ano do ensino médio, estudo na escola Jula Pará na aldeia Umutina. A escola é muito importante, por que ela nos ensina a valorizar a nossa cultura, e também a confeccionar os artesanatos do nosso povo, por exemplo: o chocalho, o bodô, akikano, as saias, os colares de variadas sementes e dentes e isso é muito importante para nos jovens.

Pergunto sobre a cultura. Meus pais sempre me incentivam muito a praticar as danças das do povo Umutina, por meu pai ser Bororo o que eu tento aprender com ele é a língua do povo Bororo. Embora meu pai seja filho de Bororo e a minha mãe ser filha de Nambikwara eu tenho muito respeito por eles, mais me considero Umutina pois tudo que eu sei é do povo Umutina e cada vez mais quero aprender para ensinar para meus filhos.

Entrevista com Itamar Maetawa Tan Huare, filho de D. Dirce Paresi e Clarindo Tan Huare

Eu me chamo Itamar Maetawa Tan Huare, tenho 26 anos o nome da minha mãe é Dirce Paresi e o nome do meu pai Clarindo Tan Huare, devido a minha mãe ser da etnia Paresi e meu pai ser Bakairi devido eu estar morando aqui na aldeia Umutina, então eu tou praticando a cultura Umutina, como eu me acostumei aqui, então eu pretendo morar por muito tempo aqui, acostumei aqui por que aqui tem uma terra muito boa, é muito rica de caça de pesca é perto da cidade, e já tenho muitas amizades aqui também, pretendo casar aqui ter meus filhos aqui mesmo, mais a gente nunca sabe o futuro d gente mais se depender de mim quero ficar aqui pro resto da vida. Então mesmo meu pai sendo Bakairi e minha mãe sendo Paresi em respeito ao povo Umutina eu me considero Umutina por estar morando aqui na terra indígena Umutina, mais se caso eu voltar para aldeia do meu pai ai lá eu vou me considerar Bakairi em respeito a terra e o povo, mais eu tando aqui eu vou ta sempre apoiado os Umutinas, independente de meus pais serem da etnia Bakairi e Paresi vou ta sempre lutando pelo povo Umutina ,ajudando em qualquer situação seja pro bem estar do povo e é de coração mesmo que eu vou estar lutando pelo povo em tudo .